



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

KAMILLY PANTOJA NAVEGANTES

“mal com elle, peor sem elle”: Criminalização, comércio e resistência na Doca do Reduto em Belém do Pará (1870-1889).

ANANINDEUA
2026

KAMILLY PANTOJA NAVEGANTES

“mal com elle, peor sem elle”: Criminalização, comércio e resistência na Doca do Reduto em Belém do Pará (1870-1889).

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Pro^a. Dr^a. Siméia de Nazaré Lopes

KAMILLY PANTOJA NAVEGANTES

“mal com elle, peor sem elle”: Criminalização, comércio e resistência na Doca do Reduto em Belém do Pará (1870-1889).

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Siméia de Nazaré Lopes.

Data de aprovação: 21/07/2026

Conceito: Excelente.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Siméia de Nazaré Lopes
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva
Universidade Federal do Pará

Dedico à minha mamãe e ao meu papai, que sempre estão ao meu lado para apoiar as minhas conquistas. Amo muito vocês!

AGRADECIMENTOS

Início os meus agradecimentos à Deus e às Santas de Devoção da minha família: Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Nazaré e Nossa Senhora das Graças. Obrigada por sempre escutarem as minhas preces.

Agradeço aos meus pais, Maria Silene e Hermenegildo, que não mediram esforços para me fornecerem de forma confortável o privilégio de apenas me concentrar nos estudos, algo que não foi possível para ambos por conta das adversidades da vida. Estar sendo formada em Licenciatura em História também é uma vitória deles, que sempre desejaram que a única filha tivesse uma profissão a partir da formação universitária.

Obrigada aos meus melhores amigos do curso: Carla, Narciso e Gabriel. Percorremos essa jornada juntos, cada um na sua individualidade, mas que fez tudo se tornar mais leve de enfrentar. Agradeço pelas risadas, viagens, parceria em todas as atividades acadêmicas possíveis e por me ensinarem que o melhor caminho a ser seguido é o da humildade.

Ao professor historiador e amigo Vinicius Rodrigues, por me ensinar a sobreviver no meio acadêmico e também por fazer parte desse trabalho emprestando os livros principais da minha bibliografia. Obrigada por toda a ajuda, conselhos de profissão e de vida.

Agradeço ao professor de matemática Kauê Nakamura, pela ajuda na elaboração das tabelas. Obrigada por toda a paciência para poder entender as inúmeras mudanças que precisavam ser feitas.

À minha orientadora, Siméia de Nazaré Lopes por apoiar e incentivar as minhas ideias, sendo paciente e carinhosa. Desejo que todos aqueles que estão na área acadêmica tenham uma pessoa como a professora Siméia, que entenda a realidade do aluno e o trata de forma humana. Durante toda a minha graduação, sempre foi a minha inspiração de professora e pesquisadora.

Faço este agradecimento ao meu namorado, João Luiz, que também é da mesma turma de história que fiz parte. Obrigada por sempre estar ao meu lado, em momentos bons e ruins, incentivar e amar. Estudar junto com o namorado é uma aventura, principalmente quando decidem seguir áreas diferentes de pesquisa.

Por fim, agradeço a eu mesma por chegar até aqui. Obrigada Kamilly Pantoja Navegantes, por ser corajosa, persistente e se manter firme diante das dificuldades que surgiram no meio do caminho. No final de tudo, conseguiu confiando em si mesma!

RESUMO

Nesta pesquisa, abordo como objetivo central a discussão sobre como a Belle Époque ocasionou a criminalização das classes sociais populares na área urbana de Belém a partir da Doca do Reduto, também conhecida como Doca do Imperador entre os anos de 1870-1889. O trabalho divide-se em três partes: No primeiro discorro sobre a contextualização da cidade, das classes sociais e da formação do Reduto como elemento econômico; o segundo esclarece o processo de criminalização a partir do olhar do jornal; o terceiro debate sobre a resistência em prol do mercado existente na Doca, destacando a sua importância comercial. A metodologia perpassa pela análise bibliográfica aliada às fontes, sendo elas: o jornal A Constituição: Órgão do Partido Conservador (de forma quantitativa por meio de tabelas); o jornal Diário de Belém; a literatura (por meio do Romance Hortência); a cartografia (Mapa de Belém); e a fotografia (Foto da Doca). Todas ajudam a refletir sobre o local escolhido para a discussão, que envolve urbanização, classes sociais e economia.

Palavras-chave: belle-époque; criminalização; doca do reduto.

ABSTRACT

The primary objective of this research is to discuss how the Belle Époque caused the criminalization of the popular classes in the urban area of Belém specifically in the region of the Doca do Reduto, also known as the Doca do Imperador—between the years 1870 and 1889. The work is divided into three chapters: the first addresses the contextualization of the city, of the social classes, and the formation of Reduto as an economic element; the second elucidates the criminalization process from the perspective of the press; and the third discusses the resistance in favor of the existing market at the Doca, highlighting its commercial importance. The methodology is based on a bibliographic analysis combined diverse sources, namely: the newspaper *A Constituição: Órgão do Partido Conservador* (analyzed quantitatively through tables); the newspaper *Diário de Belém*; literary works (the novel *Hortência*); cartography (map of Belém); and photography (photo of the Doca). Every sources helped a reflection about the location chosen for this discussion, that involves urbanization, social classes, and the economy.

Key words: belle-époque; criminalization; doca do reduto;

LISTA DE MAPA

Mapa 1 — Mapa de Belém (1899)	7
-------------------------------	---

LISTA DE FOTOGRAFIA

Fotografia 1 — Doca do Reduto (1899)	11
--------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Condição social dos presos na Doca do Reduto (1876-1877)	13
Tabela 2: Crimes registrados na Doca do Imperador (1876-1877)	16

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CIDADE DE BELÉM: O ENTRELAÇAR DA ECONOMIA E SOCIEDADE	4
1.1 As classes sociais em Belém: Entre a Elite e os Populares	6
1.2 Reduto de São José, Doca do Imperador e Doca do Reduto: A tríade popular do centro de Belém	9
2 JORNAL E POLICIAMENTO NA DOCA DO REDUTO	11
3 COMÉRCIO E RESISTÊNCIA NA DOCA DO REDUTO	17
CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar sobre a Doca do Reduto surgiu a partir da minha percepção pessoal sobre o bairro. Quando era bolsista no Centro de Memória da Amazônia, algo que chamou a atenção durante o meu trajeto, mesmo no horário de trânsito intenso, o Reduto parecia como um “bairro fantasma”.

A maior movimentação que tinha era quando as vias principais de locomoção estavam congestionadas e os carros usavam o bairro como rota de escape. Além disso, ao sair no horário da tarde para a UFPA no Campus de Ananindeua, havia o sentimento de insegurança, justamente por conta da pouca movimentação nas ruas.

Durante essas andanças no Reduto, o abandono de prédios históricos, a falta de sinalização de trânsito, buracos no meio da rua, calçadas obstruídas por lixo não coletados fazia com que esse sentimento aumentasse.

Ao mesmo tempo, é possível ver como o bairro faz parte de iniciativas culturais de valorização e proteção ao patrimônio, recebendo uma maior visibilização do Projeto Circular¹ que tem o intuito de desenvolver atividades voltadas para o turismo, lazer, cidadania, memória e entre outros aspectos. No Reduto, o Circular valoriza empreendimentos de pequenos comerciantes voltados para lojas de cafés, restaurantes e a venda de artesanato da cultura paraense.

Porém, isso não tira o fato da pouca movimentação nos arredores, então refleti sobre a seguinte questão: Como isso aconteceu com um dos principais bairros que faz parte do circuito econômico, cultural e turístico de Belém?

Assim, a curiosidade ficou mais a florada. Dessa forma, o nosso ponto de interesse se transportou para a Doca do Reduto. Ao realizar a pesquisa (sendo bem sincera), pensava que o canal do Reduto era o da Visconde de Souza Franco. Porém, segundo Sousa (2009), se originaram de duas docas diferentes. O primeiro surgiu a partir do Igarapé do Reduto e o segundo do Igarapé das Almas.

Isso ocorre justamente por conta do imaginário que foi criado sobre o canal da Visconde de Souza Franco ser o principal elemento característico do Reduto, fazendo o outro dentro do mesmo bairro ser esquecido, que em tempos passados também foi uma doca. Por

¹Cf.: <https://projetocircular.org/>

isso, durante a pesquisa, ao usar “Doca do Reduto”, estamos nos referindo ao que hoje é o canal localizado na Avenida General Magalhães.²

Diante das reflexões apresentadas, a pesquisa parte do final da segunda metade do século XIX (especificamente a partir de 1870 até 1889), onde o nosso objetivo é compreender como a Doca do Reduto e os seus frequentadores foram marginalizados ao ponto do mercado existente na localidade ser fechado pelas autoridades públicas e prejudicar os populares de Belém no abastecimento de suas casas. Ao mesmo tempo, abordamos o processo de resistência empreendido pelos comerciantes a partir do pertencimento deles sobre o Mercado Filial do Reduto.

Na nossa primeira abordagem, é explicado sobre a contextualização da cidade de Belém no período da Belle Époque, onde o ideal de cultura e civilização são modificados para se adequar aos novos moldes estéticos que surgiram por conta da economia gomífera.

Segundo Maria de Nazaré Sarges (2010a), a Belle Époque (termo francês que significa Bela Época) na cidade de Belém, teve o seu auge durante a economia da borracha a partir da metade do século XIX até o início do século XX, onde foi possível proporcionar mudanças urbanísticas e culturais baseados na França.

Dentro desse processo, uma nova elite econômica surge: os seringalistas³. Isso se deu porque foi uma economia onde a concentração das riquezas advindas da exportação do látex foi algo restrito à essa nova elite, nos fazendo refletir se a Belle Époque beneficiou todas as camadas sociais.

Como aporte teórico, selecionamos as ideias de Norbert Elias (2011) para auxiliar na compreensão da influência da cultura ocidental sobre outras sociedades a partir do que se entende pelo conceito de civilização. Já Ednea Mascarenhas (1999) ajuda a entender o

²Cf.: https://www.google.com/maps/place/Av.+Gen.+Magalh%C3%A3es,+152-198+-+Reduto,+Bel%C3%A9m+-+PA,+66053-110/@-1.4457302,-48.4998796,17z/data=!3m1!4b1!4m15!1m8!3m7!1s0x92a48e969fd4ce7f:0x220cbf19a0e45b0a!2sR.+Gen.+Henrique+Gurj%C3%A3o+-+Reduto,+Bel%C3%A9m+-+PA!3b1!8m2!3d-1.4507045!4d-48.4925761!16s%2Fg%2F1ymtljcm!3m5!1s0x92a48e95ed4b4f95:0xc1ec527fe00b230b!8m2!3d-1.4457356!4d-48.4950087!16s%2Fg%2F11g659xnqd?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI2MDMyNC4wIKXMDSoASAFOAw%3D%3D

³ De acordo com Sarges (2010), os seringalistas eram os donos dos seringais - as plantações de seringas. Os trabalhadores eram chamados de seringueiros, que segundo Soares (2008) viviam em um sistema exploratório de força de trabalho, dentre elas: a exclusividade no trabalho da retirada do látex (exigido pelos seringalistas para ter a maior quantidade extraída) e a dependência que os trabalhadores tinham sob os mercados de consumo de produtos para uso pessoal (que eram de propriedade dos seringalistas) por conta das dívidas acumuladas. Porém, medidas foram tomadas como uma forma de “escape” desse controle, como a relação com os regatões “[...] onde a troca era exclusivamente realizada com bolas de borracha, longe das vistas dos senhores para evitar algum tipo de desentendimento.” (2008, p. 40). A historiadora continua explicando que para os seringalistas, o comércio da borracha se tornou um bem patrimonial, que também foi incorporado pelo Governo Imperial, havendo uma grande preocupação para não cair nas mãos estrangeiras por conta do grande acúmulo de riquezas que era proporcionado.

conceito de modernidade. No caso de Belém, a sociedade francesa foi considerada um modelo a ser seguido.

Com as mudanças na cidade, para Vieira (2015, p. 25), a sociedade precisava adequar os seus comportamentos, onde “[...] ocorria a proibição de hábitos praticados pela população da cidade por meio dos Códigos de Posturas [...]”. De acordo com Limeira e Miranda (2022, p. 5) “Os Códigos de Posturas são documentos compostos por diversas normas elaboradas pelas Câmaras Municipais com o intuito de manter a ordem vigente nas cidades e instaurar punições previstas para aqueles que as desobedecesse”.

Ou seja, havia uma clara política de controlar o povo nos âmbitos da vida pública. Mas não apenas as populações (principalmente as classes populares) que eram colocadas em uma situação de vigilância comportamental, as localidades também eram inseridas nessa situação, e uma delas foi a Doca do Reduto.

Nessa discussão, tomamos como base a autora Maria Bresciani (2004), que aborda sobre a ideia de classes pobres e classes perigosas na França e na Inglaterra, cujo modelo foi tomado como base no Brasil nos processos de vigilância da sociedade pela instituição policial, como explica Sidney Chalhoub (2012). Em seguida, consideramos de suma importância contextualizar a região da Doca do Reduto dentro de todos os seus aspectos característicos ao longo dos anos até o nosso período estudado, onde levamos em consideração a importante pesquisa de Sousa (2009) sobre o bairro.

Na segunda parte, discutimos sobre a rede de policiamento a partir do jornal A Constituição: Órgão do Partido Conservador, pesquisado na Hemeroteca Digital Brasileira - Estado do Pará. Siqueira Mendes, seu proprietário, atuou como Deputado Provincial, Senador e Vice-Governador do Pará, inclusive fazendo parte do Partido Liberal e depois se aliando a ideais conservadores (Brasil, [2026]). No período da pesquisa, o jornal era órgão do Partido Conservador (Belém, 1985), assim a sua escolha segue a ideia de entender qual era e como era divulgado o discurso proferido sobre os populares. Para esta investigação, usamos a análise quantitativa, por meio de tabelas, para demonstrar o grande número de pessoas sendo apreendidas na doca, ao ponto que ficou conhecida por situações de brigas e confusões, comportamentos inapropriados para se ter em público por conta dos Códigos de Posturas.

Por fim, no terceiro e último ponto, explicamos como os comerciantes foram elementos fundamentais no processo de resistir contra o fechamento do mercado do Reduto, fonte de renda para eles e de abastecimento para os seus clientes. Para isso, nossa pesquisa utiliza como fonte dois artigos do jornal Diário de Belém, também pesquisados na Hemeroteca Digital Brasileira - Estado do Pará, que tinha como principal função noticiar

assuntos envolvendo especificamente questões sobre o comércio (Belém, 1985). Por isso, as notícias sobre o fechamento do mercado do Reduto a partir do viés discursivo que nos é apresentado permite compreender qual era o pensamento político e econômico sobre o ocorrido e como isso impactou os moradores dos arredores.

A situação, que resultou na união dos comerciantes para impedir que o mercado fosse fechado, principalmente com a resistência de uma grande quitanda, mostra como não se mantiveram passivos diante de uma decisão que prejudicava a economia local, tanto para vendedores como para os compradores.

O título do trabalho, “mal com elle, peor sem elle” é um trecho presente em um dos artigos do jornal utilizado no último tópico, que representa a ambiguidade sobre o mercado, no sentido de que, ao mesmo tempo que viam-no como um centro de confusões e falta de comportamento adequado, também era necessário para a economia local. Por isso Chimamanda (2019) destaca sobre o perigo da história única, onde precisamos ter o cuidado de propagar ideias desenvolvidas pelas classes dominantes, principalmente as que fazem referência a estereótipos sobre aqueles que foram deixados à margem da sociedade.

Infelizmente, até então, não foi possível encontrar mais fontes que forneçam informações sobre a quitanda e os demais trabalhadores do mercado. Porém, o Reduto permite o reconhecimento da existência da luta trabalhista de comerciantes a partir da economia de abastecimento alimentar no final do século XIX, mostrando que já existia e resistia na cidade de Belém do Pará.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CIDADE DE BELÉM: O ENTRELAÇAR DA ECONOMIA E SOCIEDADE

Como ponto de partida, neste primeiro momento, vamos explicar sobre o processo de modernização em Belém na segunda metade do século XIX. O intuito é compreender como as mudanças na cidade influenciaram nas configurações espaciais e sociais. Tomando como base Soares (2008, p. 35), entende-se que: “[...] se esta foi uma era de riquezas, quer sejam de natureza econômica, patrimonial, urbana, essas riquezas não foram comuns à sua população como um todo”. Dessa forma, de acordo com Soares (2008), temos a divisão entre a elite econômica do período, (sendo eles os seringalistas) e as classes populares, levando o nosso olhar para a localidade da Doca do Reduto.

Segundo Sarges (2010a), desde a década de 1870, Belém presenciava o advento da economia gomífera, provocando mudanças na urbanização e arquitetura. Como consequência

desse novo aspecto estético da cidade, a sociedade também sofreu mudanças. Agora, o modo de viver e os costumes precisavam se adaptar a essa nova fase. Mas algo chamou a nossa atenção nas argumentações da autora citada (2010a, p. 113), sendo ela:

“Os ‘coronéis da borracha’, embora dependentes financeiramente de Londres e Estados Unidos, estavam culturalmente ligados a Paris, uma das cidades-polos da Belle Époque, cidade símbolo da fase áurea da modernidade”.

Como é possível notar, a Belle Époque de Belém está interligada culturalmente ao Ocidente, através da França como modelo de sociedade. Vale ressaltar que Karol Soares (2008, p. 45), explica que a modernização de Belém estava intimamente ligada ao sentido de mudanças físicas urbanas, onde “[...] a capital paraense deveria oferecer aos seus habitantes serviços urbanos e de infraestrutura, como os encontrados nos grandes centros urbanos da Europa”.

Norbert Elias (2011, p. 23), ao desenvolver os diferentes significados da palavra civilização a partir das percepções de países ocidentais, aborda que, para franceses e ingleses “[...] o conceito resume em uma única palavra seu orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade.”. E continua, afirmando que: “O conceito francês e inglês de civilização pode se referir a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais.” (2011, p. 24).

A partir das ideias apresentadas, exportar os moldes de civilização da França para Belém, era um ato de modernização, trazendo algo novo para a cidade a partir da economia gomífera. E com isso, a cultura local sofre mudanças para se adequar a essa nova percepção de ser civilizado.

Edinea Mascarenhas Dias (1999, p. 30), ao elucidar sobre a sociedade da Belle Époque, demonstra que “A cidade, antes espaço comum, modifica-se, estratifica-se segundo uma nova configuração, a de classe. Para tal, adequando-se a uma função social nova. A modernidade traria um novo estilo de vida e grandes transformações, não só materiais [...]”. Assim, o que é modificado, beneficia apenas a elite gomífera, enquanto os populares são afastados dos novos moldes da cidade por não serem considerados pertencentes aos mesmos espaços, no que a autora intitula de falso fausto da borracha.

Com isso, o nosso foco, nesse momento, é enxergar as classes populares a partir da nova perspectiva de sociedade e como foram tratadas nesse considerado “fausto social da borracha” a partir da localidade da Doca do Reduto.

1.1 As classes sociais em Belém: Entre a Elite e os Populares

Neste tópico vamos abordar como as classes sociais estavam inseridas e de que forma eram tratadas no centro da cidade. Retomando Soares (2008, p. 47), com o processo de crescimento da cidade, os populares foram afastados para locais distantes do centro urbano, “[...] situadas em locais alagáveis e consideradas impróprias para a habitação”.

Isso ocorreu porque, segundo Azevedo (2015), com o advento da economia do látex, os valores dos imóveis próximos dos centros de escoamento comercial aumentaram de valor, então as famílias começaram a ocupar as rocinhas⁴ localizadas na Batista Campos, Umarizal e Nazaré, que antes tinha um contingente de moradores humildes nas redondezas.

Azevedo (2015. p. 57) destaca que essa questão mostra os primeiros indícios de expulsão dos mais humildes para áreas mais afastadas do espaçamento urbano. E vale ressaltar que a elite foi “[...] atraída por esta região também pelo fato desta encontrar-se em um espaço geográfico privilegiado, pois corresponde a um sítio alto e seco em relação ao topo do terreno onde se situa Belém, que é em grande parte baixo e alagadiço”. Dessa forma, essas mudanças possibilitaram a construção de palacetes com áreas de jardinagem nesses bairros, e consequentemente, provocando a sua elitização.

Na literatura, também pode ser realizada essa mesma observação. No romance intitulado “Hortencia”, do escritor Marques de Carvalho (1888), a personagem principal de mesmo nome morava na estrada da Constituição (atual avenida Gentil Bittencourt)⁵. No período da história, a região ficava distante do centro de Belém, e Hortencia, para conseguir uma vaga de enfermeira no hospital localizado no Largo da Sé, percorreu todo o caminho andando. No percurso de saída da sua casa, descreve como a área continha moradias simples se comparada com a discussão anterior, chão de terra batida e a vegetação que tomava conta da estrada.

No mapa a seguir, podemos ter a noção da distância entre as duas realidades discutidas:

⁴ Para Karol Soares (2008), as rocinhas eram moradias voltadas à um aspecto rural, porém adaptadas ao clima regional. Eram localizadas distantes do centro de Belém, onde a sua nomenclatura era usada apenas na cidade e arredores, visto que os nomes “Chácara” e “Sítio” eram especificamente situadas em propriedades rurais. A pesquisadora (2008, p. 30), continua afirmando que “Na capital paraense, as rocinhas eram alcançadas por caminhos de terra, mas a sua principal característica era de resguardar a área íntima da casa pela utilização de varandas”. Além disso, a rocinha não era apenas a casa, mas também englobava tudo o que fosse área verde pertencente à propriedade.

⁵ CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações. 2º ed. Belém: Edições CEJUP. 1992.

Mapa 1 — Mapa de Belém (1899)



Fonte: Planta da Cidade de Belém (1899). Disponível em:
<https://fauufpa.org/2014/03/23/planta-da-cidade-de-belem-1899/>. Nota: Grifo nosso.

Jacob (2016, p. 222), utiliza o conceito de “mapa transparente”, determinando que “[...] baseia-se em uma concepção de imagem e representação enquanto imitação de uma realidade externa e objetiva”. Ao mesmo tempo, a utilização de mapas na ciência histórica implica na necessidade de uma leitura baseada na sociedade e cultura que a cartografia está representando.

Mesmo sendo do ano de 1899, após a temporalidade que estamos retratando, o mapa consegue transmitir as discussões já realizadas sobre como o espaço geográfico e a sociedade de Belém estava dividida. Assim, enumeramos de 1 a 3 os espaços que serão debatidos a seguir.

O nº 1 está localizado na estrada da Constituição, local de morada periférica baseada na história da personagem Hortência⁶. Pelo mapa, podemos observar a falta de aglomerados de ruas em comparação ao espaço número 2, que é o centro comercial, destacando-se os

⁶ Vale ressaltar que, segundo Silva (2021), a história que Marques de Carvalho se baseou para escrever o livro Hortência é verdadeira. O caso aconteceu em Lisboa (Portugal), onde o autor apenas a adaptou usando a realidade de Belém.

bairros da Cidade Velha e Campina, mas isso não significa que onde está o número 2 não tenha uma grande parcela da população residindo, muito pelo contrário.

Com o processo de modernização, as pessoas que não faziam parte do que se entendia como ser civilizado foram afastadas para as áreas distantes do centro de Belém. Assim, as áreas periféricas não foram contempladas pelas mudanças estruturais empreendidas até então. Por isso, para Jacobs (2016, p. 226), “Mapas tornam o invisível visível [...]”, que nesse caso, só foi possível tornar as classes populares vistas a partir da leitura social da cidade.

Além do controle de espaçamento, os comportamentos também tiveram que ser adequados de acordo com a nova estética estrutural. Com isso, foram implementados os Códigos de Posturas Municipais, retomando sobre o conceito de civilização, onde Norbert Elias (2011) explica que também pode se referir a fatos morais e sociais. Dessa forma, os mais atingidos pelas novas normas eram as populações mais humildes, que se tornaram sinônimos de perigo e criminalidade.

Para a discussão, tomamos como base Maria Bresciani (2004), que nos apresenta o contexto criminal de duas sociedades europeias que estavam vivendo o auge da economia industrial no século XIX: Inglaterra e França. Ambos desenvolveram um grande contingente de trabalhadores pobres, associados ao caos. No caso da França, Bresciani (2004, p. 51) explica que “para o francês da época, praticamente inexistia a diferença entre homem trabalhador, pobre e criminoso”.

A ideia de que as classes pobres são associadas ao perigo não foi uma especificidade de Belém, mas que englobou o Brasil como um todo, principalmente por conta da França ser considerada o exemplo de sociedade a ser seguida. Sidney Chalhoub (2017) desenvolveu a sua pesquisa sobre a mesma temática a partir do fim da escravização, no qual a Câmara dos Deputados do Império do Brasil buscava combater a ociosidade. Dessa forma, tomaram como base as ideias do francês M. A. Frégier.⁷

Chalhoub (2017, p. 24), afirma que “o objetivo declarado de Frégier era produzir uma descrição detalhada de todos os tipos de ‘malfeitores’ que agiam nas ruas de Paris”. Assim, ao fazer isso, Frégier não conseguiu distinguir a diferença entre classes pobres e classes perigosas. No Brasil, a teoria foi aceita, adaptada para a realidade de pós-escravização que envolvia o combate ao ócio. Por conta disso ociosidade, crime e ser pobre eram sinônimos ou comparáveis.

⁷ De acordo com Sidney Chalhoub (2017, p. 24), M. A. Frégier era “[...] um alto funcionário da polícia de Paris que, baseando-se na análise de inquéritos e estatísticas policiais, escreveu um livro influente, publicado em 1840 [...]”. O livro aborda sobre as características do que se entendia sobre classes perigosas nos centros urbanos.

Em Belém, em meados de 1876, antes mesmo da abolição da escravização, a ideia de que as classes pobres eram associadas à criminalidade já era difundida por meio das apreensões pelo não cumprimento dos Códigos de Posturas divulgados nas notícias policiais dos jornais da região. Com isso, durante o processo de pesquisa, não conseguimos encontrar aporte que ajude a compreender se Belém foi influenciada pelos ideais de Frégier.

A partir desse ideal, os lugares também passaram a ter fama de perigosos por serem frequentados pelas populações que eram consideradas passíveis de cometer atos ilegais. No caso de Belém, o local foi a Doca do Reduto. Com isso, é de suma importância ter o entendimento sobre suas funcionalidades ao longo do tempo até chegar no nosso recorte temporal.

1.2 Reduto de São José, Doca do Imperador e Doca do Reduto: A tríade popular do centro de Belém

É imprescindível assimilar sobre as mudanças na Doca do Reduto ao longo do tempo, até chegar no nosso recorte temporal. Para isso, vamos utilizar a pesquisa de Sousa (2009), essencial para o nosso trabalho. Segundo a historiadora (2009, p. 22), a Doca do Reduto surgiu do Igarapé do Reduto, onde sua primeira função foi de segurança. Em 1751, com a expansão do litoral de Belém, o Governador da Capitania, Fernando da Costa de Athaide Teive, mandou construir um reduto no local do igarapé, que foi chamado de São José “[...] com três funções bem definidas: militar, proteção e expansão da cidade [...]”.

A região era de terreno alagadiço, onde recebia o escoamento das águas das terras altas segundo a análise do engenheiro Gaspar João Geraldo de Gronsfeld⁸, o idealizador do projeto do Lago do Piri, onde o local fazia parte. Porém, o projeto não foi consolidado, e por conta do reduto não ter um solo propício para a urbanização empreendida no período, o seu desenvolvimento foi lento em comparação com o crescimento dos bairros vizinhos (Cidade Velha e Campina).

⁸ Para Soares (2009), o alemão Gaspar João Geraldo de Gronsfeld foi um engenheiro que fez parte das Comissões Demarcadoras de Limites, que chegaram em 1753 em Belém, com o objetivo de fazer trabalhos de demarcação de fronteiras geográficas entre portugueses e espanhóis. O grupo era formado por “[...] capitães de engenheiros, naturalistas, geógrafos, astrônomos, artistas, funcionários da Coroa Portuguesa [...]” (2009, p. 22). Gaspar Gronsfeld foi o responsável por desenvolver mapas de Belém levando em consideração os seus cursos hidroviários, sendo bastante reconhecido pelo seu famoso e ousado projeto do Alagado do Piri, onde o seu objetivo era “[...] aproveitar as formas naturais do sítio urbano em vez de realizar trabalhos de ensecamento dos cursos naturais.” (2009, p. 24). Ou seja, ele queria interligar as bacias hidrográficas do Piri, Reduto e Nazaré, transformando-as em uma só. Nas palavras da autora “[...] venezianar a cidade.” (2009, p. 25).

A partir de 1780, a sua configuração mudou. Em uma nova análise do mesmo engenheiro citado acima, descrito por Sousa (2009), o forte de São José não existia mais. Porém, a Fábrica da Sola aparece no espaço do Reduto, possivelmente sendo a responsável pela nova nomenclatura do local: Igarapé da Fábrica. Para Sousa (2009, p. 30):

“Aos poucos, foram sendo feitas obras de terraplanagem e urbanização naquela área alagadiça visto que as autoridades reconheciam a importância da mesma na ligação com o núcleo urbano já existente (Cidade e Campina) e as áreas mais distantes, favorecendo assim a expansão da cidade.”

Assim, a partir do final do século XVIII, a área foi efetivamente ocupada, mostrando que desde antes do nosso recorte temporal, a localidade já tinha importância de integração entre a área central e as áreas distantes de Belém. Na primeira metade do século XIX, ocorre a Revolta da Cabanagem, e após o ocorrido, já é possível observar as características de área comercial do Reduto.

Segundo Siméia Lopes (2002), havia uma grande preocupação em restabelecer as atividades comerciais na província após a Cabanagem, onde houve uma queda das relações econômicas, principalmente pelo medo dos pequenos e grandes comerciantes de terem suas propriedades invadidas pelos Cabanos. Vale ressaltar que em 1839, no que a historiadora caracteriza como o “Reflorescimento Comercial”, o fluxo de embarcações comerciais aumentou. Então, para controlar os desembarques dos produtos, a Recebedoria determinou quais portos não permiti-los, sendo eles o Igarapé das Almas, Reduto e Arsenal, caso o contrário, eram apreendidos.

Nota-se que a partir do final da década de 1830 para início de 1840, já havia indícios de vigilância contra atos ilegais no Reduto no contexto comercial, onde a partir da década de 1870, também é destinada aos transeuntes das camadas populares na Doca do Reduto.

Outra questão importante sobre o período é como as atividades comerciais já estavam na ativa antes mesmo da consolidação do Igarapé do Reduto como uma doca comercial. Tanto é que, na análise de Sousa (2009, p. 32), iniciando em 1851, o Igarapé foi modificado, sendo solidificado em uma forma fixa no ano de 1859 “[...] quando passou a ser chamada de Doca do Imperador e, posteriormente, Doca do Reduto.”

Nesta discussão, buscamos compreender a importância de contextualizar o período e o local que escolhemos para a nossa pesquisa. A Belle Époque em Belém foi produtora de riquezas que beneficiou apenas a elite econômica do látex e afastou as classes populares para áreas distantes do centro comercial, no qual foi abordado como a França exportou a ideia de associação entre classes pobres serem perigosas. No Brasil, o ideal francês foi usado para o controle de pessoas negras recém livres do sistema escravista. Já em Belém, não conseguimos

afirmar se houve a mesma influência, visto que trabalhamos a partir da década de 70 do século XIX com a existência de um processo de vigilância da população, sendo que no restante do país é abordado na pós-libertação dos escravizados. Por fim, a Doca do Reduto surge na cidade como um ponto de acesso da classe popular ao centro da cidade. Por isso, no tópico seguinte, nossas atenções estão voltadas para os populares e os comerciantes sendo marginalizados na doca.

2 JORNAL E POLICIAMENTO NA DOCA DO REDUTO

Neste segundo tópico, debatemos como os jornais foram os principais veículos de informação sobre as prisões que ocorriam na Doca do Reduto, auxiliando na legitimação da marginalização das pessoas e do local. Na fotografia abaixo, podemos observar a doca a partir da perspectiva da Baía do Guajará, que banha as margens de Belém:

Fotografia 1 — Doca do Reduto (1899)



Fonte: FIDANZA, F. A. Album do Pará em 1899 na administração do Governo de Sua Excia o Senr. Dr. José Paes de Carvalho, 1899. p. 18.

De acordo com Mauad e Lopes (2012, p. 263) “[...] a fotografia pode ser um indício ou documento para se reproduzir uma história; ou ícone, texto ou monumento para (re)apresentar o passado”. Ao escolher a foto acima, a nossa intenção é mostrar como a Doca

do Reduto se configurava no final do século XIX e também para ter a noção de como era o local que decidimos pesquisar.

Saindo do rio e deslocando-nos para as ruas movimentadas, utilizamos o jornal *A Constituição: Órgão do Partido Conservador* para compreender de que forma o posicionamento das publicações gerou consequências para as camadas populares da cidade, que eram os que mais apareciam sendo detidos. Vale destacar que nas notícias é usado o termo *Doca do Imperador*, que era o outro nome para se referir à *Doca do Reduto*.

Neste momento, estamos utilizando jornais dos anos de 1876 e 1877. Com isso, destacamos a seguinte confusão no local: “Na doca do Imperador foram hontem ás 5 horas da tarde presos, á ordem da respectiva autoridade, os individuos José Coelho e Candido de Azevedo por desordens com soldados do 4º batalhão d’artilheria.”⁹

Neste trecho, podemos notar o detalhamento de informações, como a hora, turno e os nomes dos envolvidos, sendo chamados de indivíduos, no qual são os únicos que não tem o marcador racial exposto em evidência, o que impossibilita a sua classificação para análise nesta pesquisa. A notícia continua: “Sem duvida *amores* mal retribuidos motivaram a disputa animada pela jurupiga, passando a disputa para as vias de facto.”¹⁰. Percebe-se ainda o uso de termos comuns do cotidiano para narrar os fatos, provocando certa interação entre o jornal e o público leitor.

Gomes (2017, p. 15) explica que a forma como a notícia é repassada “[...] por si, sugerem a opinião do jornal e, de forma mais implícita e geral, a do grupo político a qual está vinculado.” Por fim, encerra da seguinte forma: “O que notamos é ter-se tornado a doca do Imperador notavel por esses acontecimentos que a vae celebrisando tristemente”¹¹. Ou seja, outros acontecimentos envolvendo confusões já eram algo comum, sendo conhecido por isso, que para o jornal, era algo lamentável. A partir dessa questão, a tabela abaixo representa as apreensões que ocorreram durante os anos de 1876 a 1877 na *Doca do Reduto*:

⁹ *A Constituição: Órgão do Partido Conservador*, Belém, nº187, 21 ago. 1876, p. 2.

¹⁰ *Ibid.*, p. 12.

¹¹ *Ibid.*, p. 12.

Tabela 1: Condição social dos presos na Doca do Reduto (1876-1877)

Jornal A Constituição: Órgão do Partido Conservador
(1876-1877)

Condição Social	Nacionalidade	Quantidade
Indivíduos	Não Identificado	13
Pardos Livres	Brasileiros	8
Portugueses	Portugueses	7
Pretos escravizados	Brasileiros	5
Carafuz Livres	Brasileiros	4
Marinheiros Desertores	Brasileiros	3
Pretos Livres	Brasileiros	3
Carafuz escravizados	Brasileiros	2
Mulatos escravizados	Brasileiros	2
Caboclos	Brasileiros	1
Boleeiro	Brasileiros	1
Total		49

Fonte: A Constituição: Órgão do Partido Conservador.

Notas: Dados somados a partir da análise de 36 edições do jornal pesquisado. Tabela desenvolvida com o auxílio do professor de matemática Kauê Nakamura.

Em primeiro lugar, com a maior quantidade de apreensões, temos a categoria “Indivíduos”. No jornal, diferente dos demais, são os únicos que não tem a sua tipologia social descrita, como ocorre com as categorias de pessoas negras, mestiças e portuguesas. Por isso, um dos nossos objetivos em futuras pesquisas é compreender quem são os indivíduos e qual é o seu papel no enquadramento na sociedade de Belém, o que será buscado em outras naturezas de fontes.

Em segundo lugar, temos os portugueses. Nas duas capitais da Amazônia que mais foram beneficiadas pela economia da borracha (Manaus e Belém), para Costa (2014) e Sarges (2010b) os imigrantes eram responsáveis por provocar brigas. Em Manaus, Costa (2014) afirma que eram tratados com certa desconfiança pelos locais por conta da sua condição de estrangeiro, mas também pelas confusões que protagonizaram. Já em Belém, Sarges (2010b, p. 65), assegura que as brigas faziam parte do cotidiano da cidade e que “[...] recebeu inúmeros europeus por acreditar que esses indivíduos, vindos do outro lado do Atlântico, eram os verdadeiros agentes da civilização”, no qual, ao mesmo tempo, causavam problemas para a cidade com relação aos Códigos de Posturas. No jornal, o português Bento Pereira Grijó foi retratado da seguinte forma:

“Em que se deu o seu entusiasmo. - Ha casos em que nem sempre é bom ser-se muito valentão.

Esta verdade reconheceu hontem o portuguez Bento Pereira Grijó dos Santos ás 4 ½ horas da tarde. O sr, Grijó entendeu que o melhor codigo que ha para o individuo resolver todas as questões é ter um braço que rivalise com o vapor do guindaste da alfandega; o processo é por demais sumarissimo e o effeito immediato.

Encheu-se de entusiasmo o tal sr. e punha em execução a sua *grande lei* quando a patrulha da doca do Imperador accudio ao leito, levando-o ao depois para a policia á ordem do dr. delegado do termo preso por briga.

Ahi tem o ser. Grijó uma lição por pouco dinheiro e que bem lhe pode aproveitar.”¹²

Além da linguagem, também denota um tom de “moral da história”, ou seja, toda ação tem uma consequência. Para Gomes (2017), o jornal também tinha o papel de disciplinar a população. Dessa forma, ao dizer que o senhor Grijó teve uma lição, também se referiu à população no sentido de que se praticassem o mesmo comportamento, ia ter um fim semelhante.

Sobre o contingente que envolve pessoas negras e miscigenadas (escravizados ou não escravizados), são os que com frequência aparecem em maior quantidade levando em consideração as suas condições sociais. Vale ressaltar que na pesquisa não foram encontrados a nomenclatura sobre indígenas, porém, há prisões de carafuz, como podemos ver a seguir: **“Um pé leve —** A’ ordem do subdelegado do 1º districto, hontem ás 7 ½ horas da noite foi grudado pela patrulha do posto da doca do Imperador, o carafuz Theodoro, escravo de Antonio Joaquim dos Santos, por fuga.”¹³

Figueiredo (2024) esclarece que a palavra carafuz era usada para a miscigenação entre pessoas negras e indígenas. É importante ressaltar o nosso conhecimento sobre todas as problemáticas que envolvem a discussão sobre os termos encontrados, visto que concordamos com a autora ao dizer que são nomenclaturas pejorativas estabelecidas pelos colonizadores de forma violenta. Porém, o nosso foco não é um aprofundamento sobre os seus significados, e sim como eram associados à criminalidade.

Para Chalhoub (2017, p. 27), “[...] o contexto histórico em que se deu a adoção do conceito de ‘classes perigosas’ no Brasil fez com que, desde o início, os negros se tornassem os suspeitos preferenciais”. Sobre o assunto, ressalta dois principais motivos da suspeição, que está interligada ao combate contra a ociosidade: após o fim do trabalho escravizado, a vigilância policial era destinada a impedir o ócio das pessoas negras e mantê-los trabalhando, no que chama de “teoria generalizada”; o segundo ponto era sobre o que se achava do caráter dos mesmos propagadas pelo sistema escravista”. Sidney Shalhoub (2017) aborda em um

¹² A Constituição: Órgão do Partido Conservador, Belém, nº 194, 29 ago. 1876, p. 1-2.

¹³ A Constituição: Órgão do Partido Conservador, Belém, nº 263, 21 nov. 1876, p. 2.

contexto pós-escravização, diferente da nossa pesquisa, onde o sistema escravista ainda é vigente. Porém, percebe-se que na Belle Époque a vigilância sobre a população negra e mestiça já era uma realidade, mesmo que fosse apenas no sentido de manter a ordem.

Por fim, temos os marinheiros desertores, que juntamente com os soldados das rondas, faziam parte dos conflitos urbanos na Doca do Reduto. O primeiro exemplo citado neste tópico foi sobre uma briga entre os indivíduos José Coelho e Candido de Azevedo por desordem com soldados do 4º batalhão da artilharia por conta de romances mal resolvidos.

Em primeiro lugar para se analisar, é que discutimos como a vigilância era necessária para manter a sociedade em ordem levando em consideração os Códigos de Posturas. Nesse caso, vemos os próprios soldados, que por serem responsáveis em manter o ordenamento dos espaços, não conseguiam exercer a sua função dando exemplo para a população, e acabaram se envolvendo em uma confusão por causa de relacionamentos amorosos.

Em segundo lugar, ao noticiar sobre os agentes com comportamentos inadequados para manter a ordem, ajudava a propagar as desconfianças já existentes por parte da população e das autoridades políticas locais sobre a instituição de policiamento na capital. Filgueiras e Farias (2023), deixam em evidência como a partir da década de 1870, havia uma grande reclamação da falta de preparo dos agentes policiais e que eram os responsáveis por uma grande despesa monetária por parte das instituições da província, onde não era visto resultados condizentes com o esperado.

Inclusive, Filgueiras e Farias (2023, p. 43) ressaltam que “[...] em 1876, Francisco Maria Correa de Sá e Benevides, então presidente de Província expressava em seu relatório o descontentamento com a falta de preparo da Guarda Local, para quem o referido Corpo não tinha alcançado os resultados esperados [...]”. As reclamações eram diárias e vinham de diferentes regiões da província, no qual as autoridades provinciais e do próprio corpo policial entendiam que era necessário ter mudanças para a melhoria do serviço.

Dessa forma, ao relacionar a função social e política do jornal, fica evidente como ao noticiar tantas prisões em 1876 e 1877 era uma forma de mostrar para as autoridades da província que o policiamento estava fazendo o seu trabalho. Outra questão que deve-se atentar é que os próprios agentes policiais se tornavam alvos caso tivessem atitudes não exemplares, indo parar no jornal por disputas amorosas.

Na tabela seguinte, é possível observar por quais crimes os populares eram presos:

Tabela 2: Crimes registrados na Doca do Imperador (1876-1877)

Jornal A Constituição: Órgão do Partido
Conservador (1876–1877)

Crime	Quantidade
Embriaguez	12
Desordens	9
Ofensas	7
Fuga de escravizados	5
Bebedice	5
Andar livre sem autorização	4
Distúrbios	4
Agressão/briga	3
Vadiagem	2
Assuada	2
Desobediência	2
Desertores	2
Cobrança irregular	1
Pescaria proibida	1
Atividades extravagantes	1
Atropelamento	1
Furto	1
Jogo proibido	1
Ameaça	1
Total	64

Fonte: A Constituição: Órgão do Partido Conservador.

Nota: Dados somados a partir da análise de 36 edições do jornal pesquisado. Tabela desenvolvida com o auxílio do professor de matemática Kauê Nakamura.

O nosso foco não é explicar sobre todos os crimes observados, mas sim de visualizá-los para compreender quais os tipos de atitudes eram consideradas impróprias dentro das normas dos Códigos de Posturas. Há uma variedade de crimes que colaboram, junto com as confusões e brigas, para a Doca do Reduto ser conhecida como um ambiente de desordem, sendo um deles a fuga de escravizados (como no caso de Theodoro, já citado) e de andar livre na rua sem a autorização de seu senhor ou senhora, onde podemos ver a seguir: “[...] e às 11 horas da noite, pela patrulha do posto da doca do Imperador a mulata Julia, escrava de D. Adelaide Candida da Silva Picanço, por vagar fóra de horas sem licença de sua senhora.”¹⁴

A partir desses casos, entendemos que o Reduto foi marginalizado não apenas por ser o ponto de acesso da população pobre de Belém ao centro da cidade, mas também por ser o lugar onde se possibilitava a fuga de pessoas escravizadas ao encontro da liberdade. Uma questão que devemos nos atentar é sobre a impossibilidade de saber se a Júlia sofreu algum castigo além de ser presa. Isso se iniciou na Europa, em meados do fim do século XVIII para o XIX, onde Foucault (2014) explica como a punição física em público tornou-se associada à

¹⁴ A Constituição: Órgão do Partido Conservador, Belém, nº 70, 27 mar. 1877, p. 2.

barbárie. Em Belém, uma cidade que queria se distanciar de características não europeias, comparando-se ao modelo de civilização francesa, o jornal tornou-se o principal aliado para ajudar a propagar a ideia de controle dos crimes urbanos. Foucault (2014, p.14), afirma que “a punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; [...]”.

Na capital do Grão-Pará, o jornal tornou-se o principal responsável pela formação da consciência abstrata sobre a criminalidade. Fisicamente, não se via mais as pessoas sendo punidas pelos seus crimes. Para saber sobre os ocorridos precisava ler as notícias, onde havia uma sessão específica, que no caso de A Constituição: Órgão do Partido Conservador, na maioria que foi analisada, estava na segunda página.

Voltando aos crimes, como destacado, nas descrições era possível saber o dia do ocorrido, horário, turno, nome, cor, liberto ou escravizado, homem ou mulher, a nacionalidade (no caso dos portugueses), com exceção dos “Indivíduos”. Ou seja, a estética fica no campo das ideias abstratas, porém auxilia a tornar concreto os estereótipos sobre a população pobre associada à criminalidade, e consequentemente a Doca do Imperador também faz parte dessa associação, causando generalizações. Por isso, entendemos que o corpo físico não é mutilado nesse momento, mas a dignidade, sim.

Isso se enquadra ao que Chimamanda Adichie (2019, p. 22) caracteriza como o Perigo da História Única, onde afirma que “é assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. O jornal ajudou a fazer exatamente isso: mostrou a população periférica como perigosa, não sendo bem vindos ao centro de Belém.

Em síntese, no nosso segundo tópico, buscamos evidenciar sobre a criminalização dos frequentadores e consequentemente da própria Doca do Imperador/Reduto. A partir do ideal de associação entre as classes sociais populares com o crime e a implementação dos Códigos de Posturas, provocou-se o julgamento generalizado, que causa o desenvolvimento de estereótipos. Mas, essa mesma população não se manteve passiva diante dessa realidade, e encontrou como ponto de acesso para sobreviver o Mercado do Reduto, que fornecia alimentos mais baratos próximo de suas moradas. Ao ser fechado pelo poder público, tomaram a iniciativa de defendê-lo, onde os trabalhadores foram os principais atuantes do movimento para mantê-lo funcionando.

3 COMÉRCIO E RESISTÊNCIA NA DOCA DO REDUTO

Ao falar sobre a Doca do Reduto nos anos finais do século XIX, é de suma importância abordar sobre o Mercado do Reduto. No período, foi instaurado pelo poder público o seu fechamento. Com isso, o nosso objetivo é analisar os vínculos comerciais e de resistência dos trabalhadores ao se depararem com o percalço, onde as fontes que nos baseamos são artigos do jornal *Diário de Belém* do ano de 1889.

O jornal citado acima publicou dois artigos em edições seguidas sobre o episódio, sendo essencial para compreender como esse processo se refletiu na população local. Na primeira edição que descreve sobre o que aconteceu ao mercado, é ressaltado a importância da Doca do Reduto em Belém: “E’ alli um centro importantíssimo do nosso commercio, em que se acham reunidos muitos estabelecimentos industriais, representando grandes capitaes, que avolumam poderosamente a riqueza publica.”¹⁵

Assim, a partir do trecho acima, a Doca do Reduto era reconhecida como um importante centro econômico para Belém, beneficiando os cofres públicos e também a população local com a sua variedade comercial e a existência de um mercado na doca, chamado de Mercado do Reduto ou de Mercado Filial do Reduto.¹⁶ Sobre a decisão de fechar o mercado, revela-se o quão prejudicial se tornou a decisão, a qual “[...] mesmo assim, a extinção do pequeno mercado veio acarretar grandes prejuizos e incômodos a uma numerosa parte da população.”¹⁷ Isso porque o mercado atendia a um vasto público, sendo “[...] os moradores dos grandes e populosos bairros de S. João e do Umarizal, de parte do de Nazareth, de parte do bairro da Campina, [que] iam alli fazer as suas provisões, pela longitude em que ficam do mercado central.”¹⁸ Nesta parte, diferentes bairros dependiam do mercado, cujo motivo era a proximidade se comparado ao mercado central. Na notícia analisada, junto com o que foi discutido sobre o romance *Hortência* (1889) no tópico 1, fica mais evidente a realidade do distanciamento a que as classes populares eram submetidas.

No mapa 1, onde indicamos o nº 3, se encontra a Doca do Reduto, e conseqüentemente o mercado. Retomando Jacob (2016), o mapa transmite a concepção de determinada realidade. Dessa forma, podemos visualizar como a caminhada da Hortência poderia ser mais direta e rápida para o Reduto do que para o seu caminho original.

O Mercado Filial não apenas era benéfico pela sua localização, mas também por possibilitar o acesso à alimentos por preços mais baratos que no mercado central. Segundo a

¹⁵ *Diário de Belém*, Belém, nº 11, 13 jan. 1889, p. 2.

¹⁶ *Ibid.*, p. 18.

¹⁷ *Ibid.*, p. 18.

¹⁸ *Ibid.*, p. 18.

descrição do jornal, “Alli encontravam quanto lhes era preciso para a cosinha: — carnes, peixes, farinhas, hortaliças, mariscos, tudo alli encontravam e por menos preços que no mercado publico”, e continua “[...] hoje, além do tempo que os moradores d’esses bairros têm de perder vindo ao grande mercado, accresce que constituem a maior parte d’essa população artistas, lavadeiras e outras pessoas do povo, que sentirão as dificuldades, que agora se lhes apresentam”.¹⁹

O trecho acima, mostra a variedade alimentícia existente no mercado, e que por apresentarem um preço mais acessível, proporcionaram o acesso da população à diversos alimentos, possibilitando segurança alimentar para as pessoas do povo (como são descritos os frequentadores do mercado), além de sabermos as suas profissões: artistas e lavadeiras por exemplo. Essa questão também evidencia que, mesmo com a elitização dos bairros já citados anteriormente e com o afastamento dos populares do centro da cidade, é transmitido a ideia de que há pouca convivência nesses espaços, mas o trecho demonstra que os populares ainda estavam presentes nos bairros, como em Nazaré.

E mais uma vez o jornal reforça que o fechamento do mercado vai obrigar a população a percorrer uma distância maior para fazer as compras de abastecimento de suas cozinhas, confirmando que o Reduto era o ambiente que possibilitava a transição dos populares entre os seus lugares de moradas para o centro de Belém. Outra questão importante a ser notada é como em nenhum momento o jornal cita pessoas da elite como sendo beneficiadas pelo mercado, ou seja, era algo restrito aos populares.

Mas, logo depois de relatar sobre todos os aspectos debatidos anteriormente, no mesmo artigo do jornal, nos deparamos com o seguinte trecho: “Concordamos em que o *Mercado Filial* não satisfazia as necessidades da população, que não dava interesse á Camara, que era um pardieiro e que, portanto, devia desaparecer”. Entretanto, havia uma ressalva, pois a notícia continuava: “mas pensamos que os poderes publicos só deveriam fazel-o, quando tivessem providenciado no sentido de que fosse alli construido um mercado, como os moradores do bairro têm direito de exigir”.²⁰

Ao mesmo tempo que é reconhecido a importância, é mostrado como as pessoas que o frequentavam não eram bem vistas, causando a imagem de que o mercado era um “pardieiro” e que inclusive, deveria desaparecer. Isso demarca a grande contraditoriedade do discurso proferido, onde exalta a sua necessidade, descrevendo os desafio que os populares iam

¹⁹ Diário de Belém, Belém, nº 11, 13 jan. 1889, ref. 15-18, p. 18.

²⁰ Diário de Belém, Belém, nº 11, 13 jan. 1889, ref. 15-19, p. 18-19

enfrentar com o fechamento do mercado, mas logo em seguida, o condena por conta de ações dessas mesmas pessoas.

Segundo Julia Silva (2023, p. 19), nessa retórica “pode-se perceber que as políticas de embelezamento implantadas nas arquiteturas e nas ruas foram criadas apenas para priorizar o modelo de vida da elite.” As notícias no jornal indicam esse direcionamento. Entretanto, para Silva (2023, p. 19) “[...] ao encaminharem essas pessoas para as periferias, não houve a preocupação em construir políticas públicas para que estes pudessem residir”. É necessário salientar o quão importante era o Mercado Filial justamente por conta dessa parte da população ter que sair de seus bairros para se deslocarem até a parte do centro da cidade consideravelmente mais perto das periferias para fazer compras porque não havia políticas públicas voltadas para essas áreas.

O ato de expurgar (como a autora destaca) as pessoas periféricas, cede lugar para o termo “desaparecer”, dito por um órgão oficial de notícias, mostrando como os mesmos não eram bem vindos no centro urbano ao ponto de incentivar o mercado a ser fechado para desvincular o acesso dos moradores. Essa política de destruição não foi algo restrito apenas em Belém. Bitar (2016) explica que Pereira Passos, na Belle Époque do Rio de Janeiro, foi o responsável pela demolição de um mercado para construir outro mais adequado com a nova estética urbana da cidade.

Na capital paraense, os comerciantes não mantiveram-se passíveis diante da adversidade. Silva (2023), explica que no processo da política de embelezamento de Belém, os vendedores de alimentos, principalmente os ambulantes, ficaram sob normas de higiene por conta do manejo da comida e também por uma questão estética. Ao associar com a discussão do jornal Diário de Belém, fica evidente como essa política de organização não estava restrita apenas às pessoas comuns do povo, mas também aos trabalhadores do comércio alimentício. Durante o processo de fechar o mercado, expõe que os móveis e os trabalhadores foram remanejados para o mercado central. Mas isso não significa que a situação foi resolvida, principalmente por conta do sentimento de pertencimento sobre o Mercado.

Ao relacionar com o espaço geográfico pesquisado, podemos estabelecer de forma direta o retrato que o jornal formulou sobre os trabalhadores:

“Para de algum modo satisfazer as necessidades publicas, acaba de abrirse, no mesmo predio em que funcionava o mercado filial, uma grande quitanda, na qual as vendedeiras, os lavradores, etc., recolhem os seus gêneros cobrando d’eiles a proprietária o mesmo que pagavam á Camara.

Póde isto continuar? O mercado filial, é certo, não satisfaz as necessidades da população d'esses bairros; mas mal com elle, peor sem elle.”²¹

Acima, percebe-se como foi o impacto para os comerciantes, onde pensaram como solução se apropriar do antigo prédio a partir de uma quitanda, onde pagavam para a proprietária o mesmo valor que custeavam para a Câmara. A indignação parte mais pelo pagamento do que pela ocupação, pois contrariava as ações do poder público sobre o mercado. E vale ressaltar que em nenhum momento durante a nossa pesquisa, encontramos notícias de reclamações dos comerciantes sobre pagar para a quitandeira.

Assim, o local não era apenas um espaço de relações comerciais, mas também envolvia o sentimento de pertencimento à um espaço dentro da sociedade elitizada da cidade de Belém no século XIX. Já no parágrafo seguinte, a construção do jornal sobre a imagem do mercado é totalmente negativa, destacando-se a frase “[...] mas mal com elle, peor sem elle.”²², ou seja, segundo o que foi dito, não satisfazia a população, mas era muito mais maléfico ficar sem ele. Essa afirmação do jornal é feita sem expressar a opinião daqueles que compravam, vendiam e frequentavam o Mercado Filial do Reduto.

O ponto que mais chama a atenção é o destaque para a grande quitanda e para a quitandeira que cobrava algo semelhante a um aluguel e como a sua atitude é condenada. Silva (2023, p. 23) reforça a seguinte questão sobre as quitadeiras ao afirmar que “as fontes consideradas como oficiais não retratam essas mulheres como sujeitas ativas, apenas como figuras perigosas, que violavam a ordem da cidade”. Neste caso, a autora reforça que “estas indivíduos, em sua maioria, não tinham nem direito de serem nomeadas nestas fontes de estudo, apenas descritas como simbologia de desordem (Silva, 2023, p. 23).”

A quitandeira, ao ocupar o antigo espaço do Mercado Filial do Reduto, foi contra a ordem da Câmara, porém proporcionou condições de continuação de trabalho caso alguém pagasse o imposto devido. Para Chimamanda Adichie (2019, p. 27), “a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas”.

O jornal Diário de Belém propaga uma ideia negativa sobre o ocorrido, mas ao direcionar o nosso olhar para aqueles que foram os mais prejudicados (pessoas do povo e comerciantes), a grande quitanda trouxe dignidade de trabalho e a possibilidade de manter o abastecimento das casas dos populares a partir do acesso que o Reduto proporcionava.

Para além disso, algumas reflexões se mantiveram na análise do caso da quitandeira. Ao cobrar o valor igual ao da Câmara para os demais comerciantes, ela tinha alguma relação

²¹ Diário de Belém, Belém, nº 12, 15 jan. 1889, p. 2.

²² Diário de Belém, Belém, nº 12, 15 jan. 1889, ref. 21, p. 20.

com o órgão público? Era uma mulher conhecida nas redondezas? O fato de ser descrita como uma grande quitanda demonstra que tinha uma condição econômica mais elevada que os outros comerciantes? O Diário de Belém não possibilitou respostas para as nossas observações, visto que apenas duas edições foram encontradas sobre o mercado, mas possibilitou um novo olhar para a atuação dos trabalhadores no local.

Em suma, no nosso último tópico, trouxemos a explicação sobre a importância do Mercado Filial do Reduto para o abastecimento das casas dos populares da cidade de Belém, resultando na constituição de uma ampla rede de resistência que foi mantidas para enfrentar o processo de fechamento do mercado, no qual destacou-se a ação de uma quitandeira. Julia Silva (2023) afirma ainda sobre a importância de colocar em evidência as quitadeiras, pois assim é possível compreender que a história está presente no cotidiano. Ao relacionar a partir de um olhar mais amplo, considerando todos os trabalhadores do Mercado Filial que foram prejudicados, percebemos como essas pessoas são os elementos principais na luta sobre o seu espaço de trabalho e sobrevivência.

CONCLUSÃO

Concluimos esta pesquisa entendendo a importância dos sujeitos sociais para a dinâmica urbana e comercial de Belém. Nosso período de estudo perpassa pela Belle Époque, tema já bastante discutido nos estudos de História Social da Amazônia. Mas sempre vão existir diferentes perspectivas sobre o assunto, e o nosso é um deles.

Entender como o Reduto existiu nesse momento no final do século XIX, onde os projetos de urbanização estavam a todo vapor, é de suma importância para pensarmos que a socioeconomia do bairro não iniciou a partir do século XX, com o advento da industrialização que é bastante evidenciado na maioria das pesquisas. A Doca do Reduto teve diferentes funções, até ser um dos principais pontos comerciais de abastecimento da cidade, vindo a beneficiar as camadas sociais mais humildes com o seu mercado, fornecendo alimentos por preços mais baratos e não sendo necessário percorrer uma grande distância para ter esse acesso.

Sabemos que há uma projeção de rememorar esse tempo como uma fase áurea por conta das construções empreendidas, e que hoje fazem parte dos nossos principais pontos turísticos. Mas, em contrapartida, com a expansão da urbanização no final do oitocentos, os populares foram sendo mais afastados do centro urbano, em uma clara percepção de que não podiam usufruir do que a cidade estava desenvolvendo por uma decisão das elites de não os

considerarem com o comportamento adequado no que entendiam por ser civilizado. Ter um local que permitia esse acesso, e ainda por cima possibilitando determinada segurança de conseguir ter o que comer por um valor possível de pagar, é uma grande demonstração da importância do comércio de abastecimento dentro do sistema econômico da borracha, visto que essa mesma Doca também fornecia renda para os cofres públicos.

Outra questão importante de salientar é que, mesmo sendo afastados, os populares estavam presentes no cotidiano urbano, onde percebemos isso a partir da análise quantitativa de apreensões no local. Indivíduos, negros, mestiços (escravizados ou livres) e portugueses, todos juntos vivendo as mudanças urbanísticas e comportamentais, senso os protagonistas das ruas do comércio do Reduto. Já no mercado, ao ser fechado, os trabalhadores são os atores principais ao resistir contra essa situação, onde, a partir da figura feminina de uma quitandeira com a sua grande quitanda, permaneceram no local, mesmo já decidido sobre o fim do Mercado Filial do Reduto.

Aqui, podemos ver com clareza que não havia passividade com relação às decisões dos poderes públicos, e que houve movimentações em prol de continuar a trabalhar e fornecer alimentos para o abastecimento das casas das pessoas que chegavam de longe para comprar no mercado. A situação, até o momento da realização da pesquisa, não englobou protestos de rua ou algo semelhante, mas o ato de permanecer no local já pode ser considerado um tipo de movimento dos trabalhadores, com uma mulher sendo a protagonista com a sua inteligência de desenvolver uma espécie de sistema de aluguel da sua quitanda, cobrando o mesmo valor que a Câmara recolhia para os demais vendedores terem o seu sustento, fazendo-nos pensar nas variações de ações do que pode ser considerado resistir.

Sendo assim, os objetivos do nosso trabalho, que era compreender toda essa dinâmica social, teve o seu êxito, principalmente para evidenciar a existência das camadas populares no centro de Belém, fazendo parte da Belle Époque e resistindo aos sistemas de opressão desenvolvidos, sendo um deles frequentar o mercado popular na Doca do Reduto.

REFERÊNCIAS

FONTES:

Impressas:

BELÉM. Biblioteca Pública do Pará. *Jornais paraoaras: catálogo*. Belém: SECDET, 1985.

CARVALHO, Marques de. *Hortencia*. Belém: Livraria Moderna, 1888.

Jornais

A CONSTITUIÇÃO: Órgão do Partido Conservador. Belém, 1876-1877. Hemeroteca Digital Brasileira.

DIÁRIO DE BELÉM. Belém, 1889. Hemeroteca Digital Brasileira.

Fotografias

FIDANZA, F. A. *Album do Pará em 1899 na administração do Governo de Sua Excia. o Senr. Dr. José Paes de Carvalho*. Belém, 1899.

Cartografia

LABORATÓRIO VIRTUAL – FAU/ITEC/UFPa. *Planta da Cidade de Belém (1899)*. Disponível em: <https://fauufpa.org/2014/03/23/planta-da-cidade-de-belem-1899/>. Acesso em: 8 jun. 2026.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AZEVEDO, Felipe Moreira. *A linguagem arquitetônica tradicionalista: estudo das residências neocoloniais no bairro de Nazaré, em Belém do Pará (1910-1940)*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

BITAR, Nina Pinheiro. Projetos urbanísticos, mercados populares e processos de patrimonialização na cidade do Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 57, p. 263-281, jan./abr. 2016.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COSTA, Deusa. *Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890-1915)*. Manaus: Valer; FAPEAM, 2014.

CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações*. 2. ed. Belém: CEJUP, 1992.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus (1890-1920)*. Manaus: Valer, 1999.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FIGUEIREDO, Thais. "Caboclo", "Mulato" e "Cafuzo": a projeção do outro por meio da linguagem racista. *Revista Eletrônica Discente do Curso de História*, v. 8, p. 1-16, 2024.

FILGUEIRAS, Diego Nazareno de Jesus Santos; FARIAS, William Gaia. Polícia e policiamento no Pará: reorganização, desafios e profissionalização (1870-1900). *PMPA em Revista*, Belém, v. 2, n. 3, p. 41-56, 2023.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, João Arnaldo Machado. *Vigiando, divulgando e reprimindo: o papel da imprensa no cotidiano dos moradores de Belém (1897-1910)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

JACOB, Christian. Por uma história cultural da cartografia. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 39, p. 221-236, 2016.

LIMEIRA, Aline de Moraes; MIRANDA, Ana Carolina de Farias. Um Código para a História da Educação: posturas como fonte e objeto. *Revista História da Educação*, v. 26, p. 1-29, 2022.

LOPES, Siméia de Nazaré. *O comércio interno no Pará oitocentista: atos, sujeitos sociais e controle entre 1840-1855*. 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010a.

SARGES, Maria de Nazaré. Tauromachia, tauromania: migrantes galegos e práticas culturais em Belém na virada do século XIX para o XX. In: CANCELA, Cristina Donza; CHAMBOULEYRON, Rafael (org.). *Migrações na Amazônia*. Belém: Açai, 2010b.

SILVA, Alan Victor Flor da. Marques de Carvalho (1866-1910) e o Naturalismo na Amazônia paraense. *Matraga*, v. 28, n. 54, p. 499-512, 2021.

SILVA, Julia Brenda Palheta da. *"Eu tenho pra vender, quem quer comprar?": análise socioeconômica sobre a atuação das quitandeiras em Belém do Pará na transição do século*

XIX para o século XX. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2023.

SOARES, Karol Gillet. *As formas de morar na Belém da Belle Époque (1870-1910)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

SOUSA, Rosana de Fátima Padilha. *Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920-1940)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

VIEIRA, David Durval Jesus. *A cidade e os "bichos": poder público, sociedade e animais em Belém (1892-1917)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.